

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — SÃO PAULO BRASIL

MISCELÂNEA ORNITOLÓGICA

OLIVÉRIO PINTO

VII (*)

NOTAS SOBRE A VARIAÇÃO GEOGRÁFICA NAS POPULAÇÕES BRASILEIRAS DE *NEOMORPHUS GEOFFROYI*, COM A DESCRIÇÃO DE UMA SUBESPÉCIE NOVA

O material de *Neomorphus geoffroyi* (Temminck) existente nos museus de São Paulo e Rio de Janeiro deu-nos a possibilidade de estudar com satisfatória minúcia o interessante problema da variação geográfica experimentada pelas populações brasileiras da espécie distribuídas entre os Estados do Pará e Espírito Santo. Esse estudo levou-nos à convicção de que o esquema atualmente adotado não reflete com a necessária fidelidade o que ensina a observação, visto que as aves da Bahia, representadas na coleção ao nosso alcance por dois exemplares do Rio Gongogi (afluente meridional do Rio das Contas), longe de concordarem com os do Rio Doce, pátria típica de *Neomorphus geoffroyi dulcis* Sneath, como tácitamente admitiu a criadora da subespécie, dêste diverge em alguns pontos importantes, tais como a côr muito mais escura do abdômen e a ausência, praticamente completa, de tons azuis no dorso e coberteiras superiores das asas, caráter de todos o mais saliente em *N. g. dulcis*. Comparados com os do Pará e do Maranhão, que para Sneath e outros representariam a forma típica da espécie, os da Bahia também diferem decididamente pela tonalidade pardo-escura do abdômen, não obstante dêles se aproximarem no colorido verde do dorso. No tocante à nomenclatura, o procedimento a adotar neste caso será diverso, conforme escolhemos para pátria típica da espécie a Bahia, como propusera Hellmayr (*Novitates Zoologicae*, XII, 1925, pág. 298), ou preferimos acompanhar Sneath (*Orn. Monatsber*, XXXV, 1925, pág. 81) e J. L. Peters (*Check-List of the Birds of the World*, IV, 1940, pág. 62), que adotam como tal o baixo Amazonas e cercanias. Omitindo qualquer informe com respeito à procedência dos exemplares de que se servira na descrição original, limitou-se Temminck a mencionar as coleções de que faziam parte — “Cabinets Laugier de Chartrousse e prince Neuwied; Musées de Paris, de Berlin, de Vienne et Pays-Bas”. Dêstes exemplares, o único cuja procedência se pode ter como certa é o do príncipe Maximiliano, uma fêmea caçada

(*) Os números anteriores desta série vieram à luz em: Boletim do Museu Paraense E. Goeldi, vol. X, 1948, págs. 301-311; Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, IX, (24), 1950, págs. 361-365.

nas matas das cercanias da cidade de Nazaré, sul da baía de Todos os Santos, Estado da Bahia; entretanto, sem dar valor às diferenças que forçosamente deveriam existir entre os indivíduos que pôde examinar, parece ter Temminck escolhido para a sua descrição e figura um exemplar procedente do baixo Amazonas, que por isso concordamos em aceitar como pátria típica da espécie.

Isto posto, necessário se torna separar as aves baianas como subespécie não descrita até aqui, e que propomos ser chamada

***Neomorphus geoffroyi maximiliani*, subsp. nov.**

Tipo. ♀ adulta do Rio Gongogi (afluente meridional do Rio de Contas, Estado da Bahia), colecionado por Walter Garbe, em 23 de dezembro de 1932. N.º 14.147 da Col. de Aves do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (antiga Secção de Zoologia do Museu Paulista).

Diagnose. Semelhante a *Neomorphus g. geoffroyi*, mas diferindo dêste, antes de tudo, no verde mais carregado, menos puro, do dorso e coberteiras superiores das asas; colorido muito mais escuro, cinzento-pardo (em vez de branco-arruivado) do abdômen; faixa peitoral mais estreita e aparentemente menos denegrada.

Com essas características, a subespécie baiana se aproxima de *Neomorphus geoffroyi dulcis* Sneath, mas dêste diverge, em primeiro lugar, na ausência, praticamente completa, de azul no dorso e coberteiras das asas, e, em segundo, na tonalidade decididamente mais clara, mais desbotada, do abdômen.

VIII

NOME NOVO PARA AS POPULAÇÕES ESTE-BRASILEIRAS DE
PIONUS MENSTRUUS LINN. (AVES, PSITTACIDAE)

Já ao estudar o material trazido da nossa excursão à Bahia, há quase seis lustros, não nos escaparam certas particularidades de colorido que tornam as populações este-brasileiras de *Pionus menstruus* sensivelmente diferenciáveis das do Brasil Central e da Amazônia. O significado destas diferenças deixou, todavia, de ser então devidamente apreciado, até que, em data recente, a necessidade de rever a representação do grupo nas coleções do Departamento de Zoologia levou-me a propor formalmente a separação das ditas populações como raça particular, com base, principalmente, na tonalidade francamente anilada da plumagem e, em segundo lugar, na cor mais carregada do pileo e a ausência, praticamente completa, de nódoa vermelha na garganta. À nova subespécie demos o nome de *Pionus menstruus cyanescens*, tomando como tipo um macho adulto de Cachoeira Grande, no Rio Jucuruçu (sul do Estado da Bahia), e publicando-lhe a descrição no vol. XIV dos *Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia* (págs. 12-13), em separata vinda previamente a lume em data de 5 de setembro de 1960. Acontece, porém, que o nome proposto não pode prevalecer em face do vigente Código Inter-

nacional de Nomenclatura Zoológica, pre-ocupado que é por *Pionus chalcopterus cyanescens* Schauensee, 1944 (*Noctulae Naturae* n.º 140, pág. 4), forma colombiana, estranha ao território brasileiro. Em consequência, propomos chamar-se a forma este-brasileira

Pionus menstruus chlorocyanescens, nome novo

aproveitando o ensêjo para agradecer ao nosso prezado colega Dr. K. C. Parkes (*in litt.*) o nos haver chamado a atenção para a despercebida homonímia.

